ANO 3.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 1924

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 42

DO nosso presado colega *O Correio da Manhã*, transcrevemos a local referente ao novo livro *O Fulgor das Cidades*, do nosso querido director sr. dr. Joaquim Manso:

«Com o sugestivo titulo *O Fulgor das Cidades*, acaba o sr. dr. Joaquim Manso, illustre director do *Diario de Lisboa*, de publicar um volume de impressões das suas andadas por Hespanha e França, e ainda algumas notulas e comentarios em que se contém a filosofia de casos diarios da politica, da arte, do mundanismo e do simples noticiario da imprensa.

O sr. dr. Joaquim Manso era um verdadeiro homem de letras antes de ser jornalista e teve o condão, que nem a todos é dado, de não perder no jornalismo as suas faculdades de literato. Por isso, aquilo que escreveu para viver a hora fugidia de uma Gazeta não empalidece quando transportado para o livro, como acontece frequentes vezes com producções dos mais abalisados nomes da imprensa periodica. Pelo contrario, na leitura remansada das lendas do seu volume melhor se aplaude o sentido ameude profundo das reflexões que a observação da natureza e vida provoca no espirito do brilhante escritor.

Mas não nos antecipemos á critica, que tem o seu lugar noutra secção deste jornal. Aqui apenas nos cabe anunciar ao publico o feliz apparecimento da obra, que encontrou já grande exito, e que é elegantemente editada pela casa Aillaud, tendo na capa um original desenho de Almada.»

* * *

O MINISTERIO da Instrução, em França, destinou a quantia de 60:000 francos, a fim de auxiliar os estudantes que não podem pagar o aumento exigido pelos hoteleiros do *Quartier Latin*.

No Liceu Rollin aprestam-se quartos para os receber.

Alguns filantropos têm contribuido com somas importantes.

Muitas familias remediadas oferecem pensões a baixo preço.

Logo que esteja construida a *Cité Universitaire* e o bairro escolar, esta crise desaparecerá.

* * *

PEDRO Gonzalez Blanco, illustre escritor espanhol, tradutor de Eça de Queiroz, realisa depois de ámanhã, ás 9 horas, na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre Cervantes.

No dia seguinte, na mesma sala e á mesma hora, o conhecido investigador Blaz Infante realisará outra conferencia intitulada *La teoria de Spengler y el arte portugués*.

* * *

NOVIDADES literarias da livraria Chardron, de Lelo & Irmão:—«Pastoral», de Coelho Neto, evangelho em um prologo e dois actos; «Figuras & Sensações», de Pericles Moraes, uma série de interessantes anotações sobre as principais figuras das letras modernas; «Senhora do Engenho», de Mario Sette, romance de costumes contemporaneos.

* * *

FORAM nomeados, interinamente, professores das cadeiras de pedagogia, psicologia infantil e do curso de moral e instrução civica superior da Universidade de Coimbra os drs. José Joaquim de Oliveira Guimarães, Maximino José de Morais Correia e Joaquim de Carvalho.

* * *

UM milionario de Londres ofereceu a sua esposa um colar de perolas, no valor de cinco milhões de francos.

Quando se fazem presentes destes, é que o amor ignora o preço justo dos beijos e abraços, na paz feliz dos lares.

O GENERAL AGUILERA

Carta de Madrid, 3 de Março.—O assunto do dia é a demissão do general Aguilera, presidente do Supremo Tribunal Militar. Os jornais pouco ou nada dizem, porque a censura é implacavel. No entanto, Madrid não fala de outra coisa. Abstenho-me de recolher comentarios, visto não ser meu proposito tomar atitudes. O meu papel é de noticiarista—exacto e imparcial.

O general Aguilera, conhecedor dos problemas marroquinos, pretendeu ser nomeado alto comissario, quando exercia este cargo o seu velho amigo Dámaso Berenguer, protegido do rei e dos governos.

Vendo que nada conseguia, elaborou um plano de operações que enviou para Marrocos ao alto comando.

Este recebeu o precioso documento, não lhe ligando importancia de maior.

Logo que se deu o desastre de Anual, o general Aguilera exigiu no Senado o apuramento severo das responsabilidades, inculpando Berenguer, sem qualquer especie de atenuantes.

O acusado, que tambem era senador, defendeu-se, sobretudo com a alegação de que as tropas que comandava não tinham a devida instrução nem possuiam o armamento de que necessitavam. Careciam de espirito patriotico, mostrando-se pouco dispostas a resistir a um ataque em forma.

As que haviam pertencido á guarnição de Madrid, de que Aguilera era capitão-general, ignoravam a verdadeira disciplina militar.

Escusado será dizer que os dois generais ficaram inimigos irreconciliaveis.

Num dado momento, supoz-se que Aguilera, com a colaboração da rua e de muitos politicos descontentes, se sublevaria contra os partidos. Primo de Rivera tomou-lhe a dianteira, com o seu bando de generais. Entre estes, estava o irmão de Berenguer.

Perante o exito dos seus adversarios, Aguilera desistiu do golpe de Estado que projectava. Reservou-se para os julgamentos do Supremo Tribunal Militar.

Seria a sua hora de justiça ou de vingança?

Ha dias foi absolvido Cavalcanti, amigo de Primo de Rivera, membro do primeiro Directorio.

Aguilera não pôde deixar de formular a si proprio este quesito: —«Sendo inimigo de Berenguer, é justo que eu presida ao Tribunal que tem de o julgar?»

Depois de longas e penosas reflexões, apresentou o seu pedido de demissão, que foi deferido.

A exemplo do marquez de Cortina, conde de Romanones e outros, partiu para o estrangeiro.

Demorar-se-ha muito tempo?

Não faltam inconfidentes que afirmam que ele aguardará os acontecimentos. Desde que estes lhe sorriam, aparecerá em Madrid, como um triunfador.

Acêrca de Berenguer, devo dizer que ele conta com a simpatia do exercito de Marrocos e dos politicos de quem foi o homem de confiança. O Directorio não lhe é hostil. A opinião publica, porém, olha-o com desconfiança. A sua defeza, no Supremo Tribunal, ha de ser notavel, prevendo-se desde já que venha a ser absolvido.

Alipio Torres.

Quarta-feira de cinzas

—Minha rica mulherzinha, juro pela tua saude que não torno a divertir-me tanto como ontem...

O ILUSTRE escritor madeirense sr. Reis Gomes, que, como noticiámos, foi eleito socio da Academia das Sciencias de Lisboa, tem sido alvo, por esse motivo, no Funchal, de grandes demonstrações de apreço e simpatia, segundo referem os ultimos jornais chegados da Madeira.

Entre essas manifestações destaca-se a da Camara Municipal do Funchal, que resolveu consignar na acta um voto de congratulação pela eleição daquele ilustre madeirense para a mais alta corporação scientifica do país. A redacção do nosso prezado colega *Diario da Madeira*, de que é director o sr. Reis Gomes, quiz comemorar festivamente a entrada na Academia do prestigioso escritor, tendo oferecido em sua honra um magnifico *lunch* em que usaram da palavra os distintos jornalistas srs. dr. Juvenal de Araujo e Baptista Santos, redactor principal do *Diario da Madeira*.

Tambem um grupo de amigos e admiradores ofereceu ao sr. Reis Gomes um jantar, pelo mesmo motivo, e toda a imprensa madeireese tem tido as mais justas e elogiosas referencias para a sua alta individualidade literaria.

* * *

HA vinte e tantos anos que o sr. Mata Junior, ilustre professor de piano no Conservatorio Nacional de Musica, apresentou os seus estudos sobre a reforma da notação musical e do teclado do piano, que foram aprovados por diferentes comissões.

Como se explica que, depois de tanto tempo, um trabalho de tal valor permaneça nos arquivos do Ministerio da Instrução, sem que, ao menos, sejam publicados os pareceres das comissões?

* * *

EM Paris, a Associação dos Criados resolveu, em assembleia geral, acabar com a designação de *domestique*, adoptando a de *employé de maison*.

Parecendo que não, isto denota que as profissões servis começam a sentir-se com coragem para a desobediencia. E' possivel que um dia cada um tenha de se servir a si proprio. Em tal caso a egualdade das classes ha de ser um pesadelo para as pessoas muito ricas e gordas que não sabem nunca como desistir de massar os outros.

* * *

OS funcionarios de Angola que se encontram na Metropole, em goso de licença, queixam-se da irregularidade com que são pagos os seus vencimentos, no ministerio das Colonias.

Não haverá meio de os atender, tanto mais que muitos deles necessitam tratar da sua saude?

* * *

MEIA Lisboa estava dormindo, quando ha três dias se deu um tremor de terra. O somno, que é uma imagem da morte, desta vez foi o contrario.

* * *

JOÃO Grave, prosador de nome já feito por numerosas obras, acaba de publicar um novo trabalho—*A Morta Romantica*—que constitue o n.º 5 de *A Grande Novela*.

* * *

O MAESTRO Francisco de Lacerda tem sido aplaudidissimo nos concertos que já regeu, nalgumas cidades francesas.

A língua

VIII

Letras condenadas

Todos sabem que as letras se inventaram **para representar sons, e por isso a sciencia da linguagem, o bom senso e a chamada ortografia** oficial aceitaram as fórmas simplificadas—*condenar, outono, aluno, dano, coluna*, **etc.,** pondo de lado os etimologismos *columna, alumno, damno, outomno, condemnar*, etc., **visto** como em tais palavras deixou de ter valor o *m*.

Simplificação análoga, já a praticavam nossos avós em muitos casos, como em *sina* (destino), que etimologicamente é *signa*, e em *sino* (instrumento), que etimologicamente é *signo;* e mantiveram o *g* em *signa* (bandeira), e em *signo* (constelação), visto que nestas palavras tem valor o g, não o tendo naquelas, embora fossem da mesma origem destas.

A dificuldade reside ás vezes em saber se na pronúncia correcta e corrente ainda tem ou não valor o *g* ou o *m*, que precedem o *n* em certas palavras, e que parecem destinadas a desaparecer da pronúncia e portanto, da escrita.

Daqui o observarem-se na imprensa alguns equivocos, que facilmente se explicam, e que também facilmente se podem evitar.

Assim, notando-se que na pronúncia geral e correcta ainda tem valor o *m* de *amnistia, indemnizar*, etc., e o *g* de *pugnar, signatario*, etc., convirá evitar as formas, talvez futuras, *anistia, indenizar, sinatario*, etc. que se reproduzem nos jornais donde se podem extrair estes exemplos:

—«...ámanhã responderemos aos sinatarios.»—

—«...foram anistiados.»

Felizmente, no número do jornal, onde veio aquele primeiro exemplo, vejo duas vezes a forma *signatario*, que deve prevalecer, pelo menos na actualidade, como prevalece a forma *significar*, que ainda não vi simplificada, nem é preciso que o seja—por ora.

Sobre *gimnásio*, talvez se possa sustentar que o *m* já não tem valor sensivel na pronuncia geral, sendo portanto recomendavel a simples forma *ginásio*.

Para se mostrar que, pelo menos actualmente, não é correto nem coerente condenar-se ou suprimir-se o *m* em *amnistia. amnesia*, etc., bastará recordar que o radical grego destas palavras ainda se mantém, e provavelmente se manterá sempre, nos vocabulos *mnemonica, mnemotecnéa*, e seus derivados.

Creio que ninguem desculparia quem escrevesse *nemónica*, em vez de *mnemónica*.

Pois a *amnistia* tem o mesmo direito ao *m*, em que pese a algum dos meus colegas periodistas.

Ha realmente letras condenadas; mas muitas ha, que protestam contra a sua tentada condenação.

Antes absolver criminosos, do que condenar inocentes.

C. Senior

TEATRO DE S. CARLOS

A'MANHÃ, ÁS 21 HORAS

5.ª recita extraordinaria—Estreia do tenor Ritch

TOSCA

TEATRO SÃO LUIZ

Concertos Blanch

Domingo, 9—*CONCERTO EXTRAORDINARIO*

Grandioso Festival Brasileiro

PELA

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUESA

dirigida pelo insigne maestro brasileiro

VILLA LOBOS

Os srs. assinantes têm PREFERENCIA aos seus lugares PELO MESMO PREÇO DA ASSINATURA, até hoje, quarta feira, 5.

FATOS E SOBRETUDOS

Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

SERPOZIL

NOBRE SOBRINHO

Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da

TOSSE CONVULSA

E' **laxativa e espectorante** e de sabor agradavel.

Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.

Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

O CASO DO PORTO DE LISBOA

A defeza

da inculpabilidade

do tesoureiro demitido

feita pelo deputado Antonio Correia

Um «coup» de telefone. E' o sr. dr. Antonio Correia que nos pede para o ouvirmos, de novo, sobre a questão, já bastante arrastada, dos quatro funcionarios demitidos do Porto de Lisboa.

Pouco depois, o simpatico advogado dizia-nos, sobre o assunto, o seguinte:

—Tenho coisas novas, novissimas, com relação ao conflito do Porto de Lisboa, em face da nova entrevista concedida ao seu jornal pelo sr. Afonso de Macedo. Permita-me que lhe leia algumas passagens da entrevista, para responder á letra.

—Como quizer...

E o sr. Antonio Correia lê o seguinte:

—«Que o Conselho de Administração, tendo conhecimento da existencia de recibos falsificados—que atingiam cerca 100 contos—e querendo apontar o gatuno, chamou o tesoureiro e deu-lhe ordem para só pagar recibos no dia 15. Apesar disso, porêm, o sr. Cunha pagou alguns contos de réis. E como se lhe preguntasse a razão, escreveu: «Fiz o pagamento em 3 de Abril, ao sr. José Caetano Branco da Cunha, a instancias do sr. Carneiro da Silva que me apresentou motivos que muito prejudicavam a vida comercial do mesmo sr. Branco da Cunha e visto não julgar prejuizo para o Porto de Lisboa, por já estar devidamente autorisado pelo Conselho». «Sabe quem é este Carneiro da Silva? E' o que está no Limoeiro por causa da falsificação. E falsificados eram os recibos pagos. Que quere isto dizer? Não sei. Se o sr. Cunha não foi deshonesto, foi, pelo menos, negligente...» Isto diz o sr. Afonso de Macedo, na sua entrevista, não é verdade? Pois bem, tenha paciencia, e faça favor de escrever a resposta.

E o nosso entrevistado, folheando papeis selados, lê o seguinte acordam do Supremo Tribunal Administrativo:

—«Considerando que das fraudes praticadas pelo terceiro oficial, Carlos Carneiro da Silva, só este aparece como seu autor, como insofismavel e claramente se demonstra não só na sindicancia, se bem que confusa, desordenada e deficientemente processada, mas ainda no processo, crime que contra ele se instaurou, não podendo descobrir-se, apesar dos esforços empregados, a mais leve cumplicidade da parte dos recorrentes, a alguns dos quais falsificára, como a outros funcionarios da Administração do Porto de Lisboa, as assinaturas, ou de quem as colheu capciosamente pela confiança que lhes inspirava;

Considerando que, quanto ao recorrente Gregorio José da Cunha, tesoureiro da Administração do Porto de Lisboa, os autos da sindicancia não fornecem elementos convincentes de quem teria desobedecido a ordens superiores, que se mostra não terem sido dadas, por não efectuar pagamentos antes do dia 15 de cada mês; bem ao contrario disso, das suas respostas, confirmadas pelos depoimentos de outros empregados, se verifica que, conhecedor do estado financeiro da Administração, e receando, se não tinha mesmo a certeza disso, que o dinheiro em cofre não seria suficiente para satisfazer no dia 15 de Março os debitos aos fornecedores e no fim do mês os ordenados aos funcionarios, se dirigiu ao Administrador Geral, a quem expôz a situação, acquiescendo este em que os pagamentos aos fornecedores que deviam fazer-se em 15 de Março, fôssem transferidos para o mês de Abril, deixando ao bom senso do tesoureiro regular os pagamentos de harmonia com as disponibilidades em cofre, e, em vez de subscrever o aviso semelhante ao que se encontra a folhas 23 dos autos subscrito por A. Galhardo, referentes a 14 de Novembro de 1921, entendeu preferivel que o tesoureiro se entendesse directamente com os fornecedores;

Considerando que as facturas de folhas 183 e 184, embora de falsos fornecedores, mandadas pagar pelo Administrador Geral em 31 de Dezembro de 1921 e devidamente autorisado o seu pagamento pelo Conselho de Administração em 10 de Janeiro de 1922, foram satisfeitos em 3 de Abril, quando deviam sê-lo em 15 de Março, o que não importa por parte do tesoureiro senão o estricto cumprimento dos seus deveres, tanto mais que se demonstra não ser este pagamento o unico efectuado fóra do dia 15 de cada mês, não havendo mesmo disposição legal que o contrariasse (regulamento de 17 de Junho de 1915);

Considerando que, tendo o requerente sido preso em 12 de Abril de 1922, quando se presumia que entre ele e o autor das burlas Carlos Carneiro da Silva, pudesse haver cumplicidade, ignorando a sua suspensão comunicada em 13 ás repartições, quando já estava e se encontrava preso, inibido por isso de, sem a sua presença que era indispensavel, e demais formalidades que o proprio interesse do Estado não dispensam tambem, fazer e conferir a entrega dos valores confiados á sua guarda, existentes na Tesouraria do Porto de Lisboa, só no dia 15 foram entregues na presença do recorrente, ainda sob custodia, por balanço, em que se verificou com absoluta exactidão a justeza das existencias com os documentos;

Considerando que muito menos importa a recusa ou desobediencia a exigencia que se lhe fez da entrega das chaves dos cofres onde guardava a sua escrituração particular, que exclusivamente lhe pertencia;

Considerando que, como mais tarde o proprio juiz sindicante reconhece no seu atestado de folhas 28, «não foi produzida na sindicancia qualquer prova de faltas que pelo mesmo tesoureiro fôssem praticadas no exercicio das suas funções, que possam por qualquer forma ser consideradas como deshonestas e que o inibam de ser por todos considerado como perfeito homem de bem»; e era ainda na sua qualidade de tesoureiro que se opunha á entrega dos valores em seu poder sem a sua presença e com as devidas formalidades legais, e reclamava a posse e segurança da sua escrita particular que poderia a todo o tempo ser-lhe necessaria para garantia da sua honestidade e escrupulo profissional;

Considerando que todos os recorrentes abonam o seu bom comportamento, cada uma exibindo uma honrosa folha de serviços, o que não podia deixar de ter-se em consideração se na sindicancia se houvesse feito a prova de quaisquer faltas; mas a verdade é que, em face dos autos, só é por parte dos recorrentes Bracinho, Waddington e Cardenas, que, em caso algum, podiam ser punidos com a demissão os dois primeiros, e suspensão e regresso á categoria imediatamente inferior o terceiro;

—Mas o Cunha foi remetido á Boa Hora?

—Evidentemente. Era necessario exgotar o calix da amargura.

—E respondeu?

—Não. Já agora toma nota da pronunção do delegado. Diz ele: «o arguido Gregorio José da Cunha demonstrou, não só pela prova testemunhal, mas sobretudo pelos documentos de folhas 146 e seguintes que fez juntar aos autos, a sua inculpabilidade no crime de que estes mesmos autos tratam, pelo que entendo ser de justiça que este arguido seja despronunciado.»

—E o despacho do juiz?

—Terminante. Resa assim: «... e quanto ao arguido Gregorio Cunha, razão tem o digno representante do Ministerio Publico. As investigações policiais parece que fôram quasi exclusivamente conduzidas com o fim de incriminar este arguido.»

E o sr. dr. Antonio Correia, dando por finda a entrevista, confessa-nos:

—Enganaram-se os juizes que assinaram o acordam; enganaram-se os magistrados da Boa Hora; enganaram-se as pessoas de reputação inconcussa confirmando a honestidade do tesoureiro Cunha; enganou-se o juiz sindicante passando o atestado já bem conhecido—só não se enganou o sr. Afonso de Macedo!

Procurou-nos o sr. Joaquim Ferreira Calhau, para nos dizer, em referencia ao seu cadastro publicado nos jornais, por intermedio do Conselho do Porto de Lisboa, que passou a ser considerado funcionario publico pelo decreto 3.981, de 1918, como foi confirmado em despacho ministerial de 13 de maio, motivo porque o referido cadastro não pode ser tomado em consideração.

Diz-nos mais que, por despacho ministerial de 6 de novembro de 1915, foi condecorado com a medalha de prata, por ter salvo, com risco da propria vida, uma mulher que se encontrava prestes a afogar-se no Caes da Viscondessa. No mesmo ano foi tambem gratificado por algumas casas comerciais, por ter evitado alguns roubos de carvão e palha, como prova com o testemunho dos seus directores e chefes.

Lamenta que se não tenha em consideração o artigo 28.º e § unico, do Regulamento Disciplinar do Funcionalismo, tanto mais que as pessoas que têm infringido o referido artigo são formadas em direito...

Termina por declarar que se considera funcionario da Expl·ração do Porto, em virtude do decreto publicado em 28 de dezembro no «Diario do Governo».

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Carlota José de Mendôça Cirne, D. Albertina Vilas Boas e Alvim, D. Aurora de Macedo, D. Alda Santos Fontes Pereira de Melo, D. Henriqueta Simões Ferreira, D. Maria do Ceu de Liz Teixeira de Mendonça, D. Maria Joaquina Correia de Sampaio Ferreira Roquete e D. Maria do Resgate da Cunha Pignatelli.

E os srs.:

D. Antonio Martens Ferrão Gomes da Mata (Penafiel), dr. Mario Tavares de Carvalho, Luís de Vasconcelos Porto, João Paulo de Melo Sampaio Mexia, Eduardo de Serpa Pimentel Ferreira e o menino Jaime Pedroso da Costa.

A caridade

Zarzuelas por amadores

Em vista de activarem os ensaios de apuro das lindas zarzuelas «Cancion del Olvido» e «Pobre Valbuena» que nas noites de 13 e 14 do corrente sobem á scena no S. Luís, resolveu a ilustre comissão que os ensaios no teatro S. Luís se realizem todas as tardes, sob a direcção do brilhante actor-ensaiador Armando Vasconcelos.

Para a primeira das receitas de caridade, cujo produto reverte a favor das «Florinhas da Rua», já não há bilhetes e para a segunda os poucos que restam podem ser requisitados para casa da sr.ª D. Eugenia Machado Ribeiro Ferreira, rua Barata Salgueiro, 28, 2.º, ou pelo telefone Norte 569.

No Gremio Literario

Devido á falta de espaço com que lutamos, reservamos para ámanhã a noticia referente ao elegante baile de subscrição que, na noite de segunda-feira, se realizou nas magnificas salas do Gremio Literario, á rua Ivens, amavelmente cedidas pela ilustre direcção, para esse fim, e o qual foi organizado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia.

Nos salões

Abriram na quinta feira ultima, de tarde, os seus esplendidos salões os srs. visconde de Maiorca, com uma festa que, decerto ficará marcada na memoria de todos aqueles que a ela assistiram, não só pelas amabilidades recebidas, como tambem pelo brilhantismo que ela revestiu.

Além de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das oito e meia na noite ao som do eximio quarteto «jazz-band» do Ritz Club.

O aspecto das vastas salas da magnifica residencia, onde se nota o fino gosto artistico dos ilustres titulares, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande numero de pessoas da nossa aristocracia que ali se reuniram.

Na assistencia notavam-se:

Madame Cardoso de Oliveira e filhas, condessa de Planas Suarez, Madame Labra Carvajal, viscondessa de Silvares, Madame Macedo Soares, Madame Charles Millet, condessas da Figueira, de Taboeira e de Santar, D. Maria José Teixeira de Aguilar de Vilhena, D. Sara da Meta Vieira Marques, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Tereza Calheiros da S. Viana, D. Maria Amalia de Castelo Branco (Figueira), D. Maria Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Izabel Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Maria Luiza Roque do Pinho de Oliveira Monteiro, D. Ana Pinheiro de Melo de Arruela, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria Luiza Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Ribeiro da Silva de Bragança (Lalões), D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Eugenia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Maria Antonia Catillo.

D. Maria Emilia de Castelo Branco de Quintela (Farrobo), D. Albertina Walden Supardo, D. Albana de Sommer Osorio, D. Catarina Cordeiro, D. Maria Cardeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria Figueiredo Cabral da Camara Pereira, D. Maria Pinheiro Malheiro Reimão, D. Alexandra Nobre de Melo, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva Cordeiro Feio, D. Maria Bruno de Heredia, D. Maria e D. Maria Luisa de Lancastre (Alcaçovas), D. Maria Malheiro de Vilhena (Megadouro), D. Maria de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Margarida Barata Alpoim, etc.

E os srs.:

Embaixador do Brasil, ministros de Venezuela e da Argentina, encarregado dos negocios do Chili, dr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brasil, Charles Millet, adido militar junto da Legação de França, marquês de Belas, condes das Alcaçovas e de Vinhó e Almedina, visconde de Silvares, conselheiro D. Tomás de Vilhena, dr. José de Arruela, dr. Antonio de Azevedo, dr. Martinho Nobre de Melo, dr. Manuel de Oliveira Monteiro, dr. D. Antonio Pereira Forjaz, D. Francisco de Aguilar Manuel de Vilhena, João da Silva Carvalho Osorio, Luis Trigueiros, André Walden Supardo, Alberto de Sousa Rego, Armando Pereira, D. Antonio de Castelo Branco (Belas), Armando da Camara Rodrigues, D. Caetano Henriques de Lancastre (Alcaçovas), Francisco Trigueiros Martel Patricio, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

Os ilustres titulares foram incansaveis de amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em evidencia as suas fidalgas qualidades de caracter.

Em viagem

Encontra-se ha dias em Cascais, hospeda do seu sobrinho o sr. D. Fernando de Castelo-Branco (Pombeiro), a senhora D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto.

— Partiu ha dias para as Canarias, de onde seguirá para a Alemanha, o engenheiro sr. Anselmo Pinto Bastos Vieira.

Teatro São Luiz

Empresa A. RAMOS, Ltd.

No camaroteiro deste teatro está aberta a assinatura para **2 UNICOS CONCERTOS** do celebre côro dos

COSSACOS DE KUBAN

composto de 50 executantes sob a direcção do insigne maestro SERGE SOKOLOFF com programas completamente diferentes nas noites de 7 e 8 do corrente mês de março

Canções populares russas e outras dos grandes compositores russos

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

LIVROS NOVOS

"Historia da literatura classica,,

E

"Batalha de Flores,,

por Fidelino de Figueiredo e Antonio Ferro

Neste notavel estudo chega-se á conclusão de que durante o longo transcurso—1580-1825—Portugal, na prosperidade ou na adversidade, na hora alta do triunfo sem par ou no abatimento triste da má fortuna, teve sempre uma elevada consciencia historica, um vivo sentimento da personalidade, ainda que não raro cercado de envoltorios morbidos.

A Restauração produziu um ciclo literario na historiografia, na jurisprudencia politica, na poesia e no iluminado profetismo; a deposição de D. Afonso VI sugeriu outro de narrativas, de polemicas historicas e de escritos memoriais; a politica romana de D. João V determinou o aparecimento de abundante massa de obras de historia eclesiastica, com uma renovação de metodos e incremento apreciavel das disciplinas auxiliares da historiografia, a administração pombalina creou uma quantiosa bibliografia politica, justificativa e panegirica do Marquez, em prosa e verso, e logo, após a sua queda, de doestos e condenação da sua obra; as dificuldades do primeiro quartel do seculo XIX, as invasões francesas, a saida da familia real para o Brasil, a revolução de 1820, a Vilafrancada, a Carta Constitucional com suas lutas inspiraram uma literatura panfletaria e jornalistica, e promoveram o surto dum genero novo, optimo e pessimo, a eloquencia parlamentar.

No Brasil, as lutas com os holandeses e os franceses, a penetração dos bandeirantes, a busca das minas e o reinado brasileiro de D. João VI, deram a materia duma pujante floração literaria, onde por entre o registo das efemerides locaes e a imitação formal dos moldes esteticos em vigor na metropole, começou a balbuciar o sentimento da Patria Brasileira, a principio simples amôr da terra natal e gratidão á natureza, prodigiosa dadora de tantas riquezas, e depois o orgulho consciente, prenuncio das virtualidades daquele novo mundo. Nas conspirações nacionalistas de 1789 e 1817, e depois da Independencia, em 1822, cooperaram sempre escritores e poetas, de sorte que a literatura foi ali um dos veiculos do nacionalismo, em cuja criação e definição avultou o grupo de Minas Geraes.

* * *

Decae a literatura das viagens, porque a novidade delas ia tambem passando; cada vez mais o registo das peregrinações, nomeadamente as do Oriente e da Etiopia, se concentra nas mãos dos missionarios da Companhia de Jesus, mas a erudição constitue-se, funda-se a bibliografia, iniciam-se os estudos linguisticos, lançam-se as bases das sciencias auxiliares da historia, a epigrafia, a diplomatica; a cronologia; ensaiam-se as primeiras experiencias da historia do direito português e historia social, de demografia, de critica literaria com espirito historico.

Dificil será, supomos, não encontrar condigna representação de todas as correntes de pensamento e sensibilidade nesse oceano profundo e riquissimo, que é o nosso classicismo e até em o nosso intenso humanismo uma feição mais latinica que helenica, ecentuadamente virgiliana e horaciana na sua tradição propria.

Este 3.º volume da *Historia da Literatura Classica* impõe-se pela forma como no final do precurso 1580—1756 é apreciada a Historiografia, a Poesia Epica e Narrativa, o genio verbal do Padre Antonio Vieira e a prosa do Padre Manuel Bernardes.

No estudo da 3.ª epoca—1756-1825—é magnificamente avaliada a acção da *Arcadia Lusitana* e é brilhante e fundamental o estudo do *Grupo Brasileiro*. Claudio Manuel da Costa, Basilio Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Silva Alvarenga e Sousa Caldas.

Encontra-se nesta obra o balanço da activa primeira fase da Academia Real das Sciencias.

São brilhantemente estudados os independentes: Paulino Cabral, Xavier de Matos, Anastacio da Cunha, Bocage, Maximiano Tôrres, Tolentino, Francisco Manuel do Nascimento, Ribeiro dos Santos, a insigne marquesa de Alorna, Agostinho de Macedo e Curvo Semedo.

* * *

Como todos os anteriores trabalhos do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, o presente volume é enriquecido pelo seu esclarecido espirito critico, por ter aproveitado as ultimas investigações, os progressos da erudição e pela beleza da forma, de tal maneira que ele tem a solidez da sciencia e a sedução da arte.

Recomendando esta *Historia da Literatura* — em que se aprecia a formação e desenvolvimento do Ideal Classico em Portugal — temos a consciencia de prestar um alto serviço a todos os que se interessam verdadeiramente pela rica Literatura Patria.

Marques Braga

Rescaldo duma vigorosa, flamante batalha de arte, este livro é um pendão vermelho e vitorioso que ficou desse combate. As suas paginas, petalas cromaticas de Renoir, são bocados de trofeus resplendentes, de trofeus de Meissonier com que Antonio Ferro — legionario irreverente, bebado de força, duma campanha de Beleza — quiz pintar a aguia napoleonica do seu espirito. Juntando estas paginas, vêem-se as suas mãos juntando tunicas e estandartes — os despojos dos seus inimigos — e sob a luz constelada do campo atar á adriça purpurea do seu nome estas tunicas e estes estandartes esvoaçando nervosos, e lindos, e rumorejantes, ensanguentados de sol e de triunfo!

«Batalha de Flôres» é uma batalha ganha — com mocidade, com rebeldia, a lançadas devastadoras de talento. E' por isso que Antonio Ferro ao apertar contra o peito as flamulas sagradas desta conquista, ouve em seu redor, abafados no extertor da sombra, os regouços surdos dos vencidos — dos que não souberam ter coragem nem beleza espiritual para vencer.

E' curioso colar aqui, a animar as «grimalces» desbotadas das minhas palavras, o perfil singular, de cartaz berrante, dêste bizarro e grande conquistador de originalidades — tão grande que conquistou uma geração. E nenhum outro como ele iluminaria as linhas em que escrevo. O seu retrato, pagina de maior sensação no *magazine* do meu tempo, tem as assinaturas de d'Annunzio e Colette, de Mussolini, e... a sua propria assinatura. E', afinal, um retrato-medalha, circulando já na Europa, e destinado a commemorar a entrada em Portugal duma linguagem nova, sorridente, de labios floridos como papoilas e gestos curtos como sinteses.

Mas agora reparo que Antonio Ferro não tem uma fisionomia propria. A sua mascara anda espalhada pela seda veneziana dos *toups* misteriosos e reverberantes das mais belas imagens do universo. Ele está onde ha imprevisto, onde ha côr, onde a sensação se acotovela olhando a rir, quente de sol, a negra profundidade da vida. Aqui e acolá logra-se um escritor celebre, um fantoche do sonho sublime de estilizar o nada, de brocar a frase ou o marmore, em cuja fisionomia ha roubos, copias, arremedos ousados da sua mascara. Já uma vez até Antonio Ferro, lendo com indiferença o genial condenado do *De Profundis* teve a impressão dêste plagio. E teve razão. A sua sensibilidade não vê o mundo através de si, mas antes contempla-se a si propria através das sensações maravilhosas, rarizantes, que iluminam e bizantinizam os quatro pontos cardeais. Daqui encontrar paginas que espelham os seus paradoxos e paradoxos que espelham o seu retrato: a vida é, afinal, uma fotografia da sua alma.

Que cada leitor, pois, busque nas coisas que o cercam, na estridulancia nervosa duma palavra ou no efeito luminoso duma linha o contorno emblematico apropriado e forme aqui o retrato do prestigiditador oral dos melhores «passatempos» literarios da minha epoca, denominem-se eles «Leviana» ou «Gabriele d'Annunzio e Eu», «Teoria da Indiferença», «A Arte de Bem Morrer» ou esta deliciosa «Batalha de Flores»..

Antonio Ferro é uma estranha organisação de combatente. Ele apareceu sósinho no receioso campo das letras portuguesas, e arrogante, emplumado, medievo. Por unica lança trazia a sua pena, por couraça a cota ardente e lampejante da sua inteligencia desempoada, energica. Foi uma peleja sem precedentes: atirou paradoxos, dardejou «blagues» subtis e perfurantes, inverteu aforismos e conceitos respeitosos, derrubou, esfacelou, destruiu, incendiando num brazeiro de morte e ao mesmo tempo de rubras e fantasticas decorações orquestrais, a velha, tropega, reumatica prosodia da lingua patria.

Foi igualmente um descobridor. Ele rasgou á emoção e sensibilidade literarias novos destinos, novas Indias de côr, de equilibrio e intuição expressionista. A palavra revigorizou-se, encheu-se de seivas e floriu sinteses magnificas como uma tulipa beijada de sortilegio; ela foi erguida nas suas mãos como um lábaro pomposo e ovante, cheio de disticos e bizarras miniaturas grafando a magia abissal do Pensamento. Limpou, arrumou, magnetisou! Destruiu o «lugar-comum», a frivolidade, a erudição gordurosa da frase-feita, e em seu lugar, pôs a novidade, a gargalhada imprevista, o jogo scenografico das côres, o periodo-espuma, absintico, nevralgico—encantado, emfim, com tudo que era moço e que era inedito, que era violento e que tinha estesia, abrindo as veias e escrevendo com sangue, um sangue de cartaz, esparrinhado de Beleza.

Este livro de hoje—livro de cronicas, livro de nervos dissimulados em flôres—é uma compilação formosa, elegante, desses torneios buliçosos em que a sua mocidade se colocou galhardamente á frente da sua geração, combatendo com audacia e fé irreverentes pela sua independencia, pela independencia da sua sensibilidade e do seu gosto de viver.

Antonio de Cértima

JOIAS ANTIGAS

Lindo sortido com **Esmeraldas**, Brilhantes, Diamantes, Perolas, etc., em exposição na joalheria

Barreto & Gonçalves Ltd.

Rua Eugenio dos Santos, 17

(Antiga R. de Santo Antão)

LISBOA

TELEFONE N.º 3:759

GUY D'OLIVEIRA

ANALISES CLINICAS

Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Ayres Kopke*

Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann

Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes

R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

FONSECAS, SANTOS & VIANA

BANQUEIROS

Estabelecidos em 1861

RUA DO COMERCIO, 116 a 132

Telegramas. SANVISE-LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção—C. 3194 Administração—C. 3195

Banco Portuguez e Brazileiro

DIVIDENDO 14 %

2.º semestre de 1923

A começar de hoje está a pagamento, em todos os dias uteis, o dividendo á razão de 14 %, cativo de impostos, sendo para as acções NOMINATIVAS liquido Esc. 9$76 (nove escudos e setenta e seis centavos) e para as acções ao PORTADOR liquidos Esc. 9$66 (nove escudos e sessenta e seis centavos).

Os recibos devem ser passados pela importancia liquida.

A entrega das acções faz-se das 10 ás 12 horas e o pagamento das 13 1/2 ás 15 horas, em Lisboa, na Rua de S. Julião, 105 107, e no Porto, na Filial, Praça Almeida Garrett, 43.

Exceptuam-se as 6.as-feiras para pagamento dos dividendos atrazados e os sabados em que não ha pagamento, salvo o dia de hoje, em que a entrega das acções e o pagamento do dividendo se faz das 10 até ás 13 horas.

Lisboa, 1 de Março de 1924.

Jayme Roque de Pinho
João Pires Corrêa

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 3: Depressão nos Açôres 754mm com tendencia a encher-se. Pressão em Lisboa 759mm. Ventos fracos variaveis na costa de Portugal, nos Açôres vento NE bonançoso. O barometro desce em Marrocos, no S e L da peninsula e no SE da Escandinavia e sobe na ilhas britanicas e França.
Tempo provavel no dia 6: Tempo duvidoso, vento fraco variavel, ceu nublado.

A Cidade

ESCOLA MODERNA
de escrita á maquina
R. do Arco do Bandeira, 231
LISBOA

Chá das cinco

Os que não se divertem

Durante o Carnaval, a humanidade divide-se em pessoas que se divertem e pessoas que não se divertem, isto é, pessoas que andam a fingir de alegres e pessoas que andam a fingir de tristes.

As primeiras disfarçam-se precisamente para que os outros lhes achem graça. As segundas não se disfarçam, porque têm a impressão de que os outros não lhes achariam graça nenhuma.

No fim de contas, as pessoas que mais se divertem são aquelas que andam a fingir de tristes.

Se toda a gente resolvesse divertir-se durante tres dias no ano, o Carnaval resultaria ainda mais insipido do que realmente é. Por uma razão simples: porque lhe faltariam os contrastes — e sem trastes o Carnaval acabava por não existir.

Um elegante do Chiado vestiu-se ontem de pele-vermelha. Durante o dia, fez as maiores tropelias que se póde imaginar. Gosou como um selvagem. A's tres horas da madrugada, já cansado de andar a fingir de ignorante, subia a rua de S. Roque a lêr versos de Musset.

No meio da multidão que se comprimia no Rocio, perdeu-se um urso que fazia parte integrante de uma cégada muito divertida. Pois andou toda a tarde peior que um urso e chegou mesmo a verter lagrimas de crocodilo, por não encontrar o resto da cégada.

A's quatro da manhã, um conselheiro de *track* e chapéu alto puxava a uma carroça da hortaliça que teve uma *panne* na rua da Betesga.

O pele-vermelha, o urso e o conselheiro vieram para a rua com o firme proposito de se divertir. Afinal, fôram as pessoas que andavam a fingir de tristes — que se divertiram á custa deles.

Norberto Lopes

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50 — CHIADO — LISBOA

Na pintura de interiores, sem as proprias tintas a oleo dão tão bons resultados como a Tinta d'Agua CININA, economica e duradoira,

COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agentes de vendas para todo o país:
DIAS & PINTO LOPES, L.da
R. Passos Manuel, 75 — Porto

A venda: JOÃO NUNES DOS SANTOS
Rua do Mundo, 106 — Lisboa

A ALEGRIA

TERÇA-FEIRA de Entrudo NAS ruas de Lisboa

Foi ontem a enterrar o Carnaval. E, valha a verdade, já podia ter ido há mais tempo, porque não teve quasi graça nenhuma...

* * *

Poucas notas para os jornais forneceu terça-feira gorda, nas salas, nos teatros e nas ruas. Apenas a repetição do que se passou nos outros anos. Talvez mais gente — mas menos animação. Que isto de poder brincar bem o Carnaval, hoje em dia, é monopolio de milionarios...

* * *

Em frente da C. G. T., na Calçada do Combro:

Uma cégada bem vestida. As nações que entraram na guerra, um matulão a fazer de Democracia e outro de «Zé-povinho».

A Democracia, de espada ao alto, trazia umas botas vermelhas tão apertadas que a faziam cambalear... E parece que era parente, ou coisa que o valha do «Zé». Porque, a certa altura, como estalasse uma questão na distribuição do dinheiro, este insultou-a:

— O que vale é que eu já não espero nada de ti... Eu que tenho sido um moiro de trabalho e de sacrificios...

E ela retorquiu

— Tu ainda merecias muito mais...

* * *

De todo o «côrso», a parte mais animada foi, durante toda a tarde, a do Chiado. A' porta da «Brazileira», uns dez rapazes, munidos das competentes vassouras, resolveram proceder «limpeza» do cortejo. Todos os carros e os respetivos passageiros eram «vassourados», misturando-se a poeira das ruas com os «papelinhos» e o pó de arroz das senhoras arreliadas...

Deram-se scenas engraçadissimas que provocaram a hilariedade geral.

Um dos «vassourados», desde as botas até ás barbas, foi o poeta João Maria Ferreira. O grupo cercou-o, e, emquanto procedia á «limpeza», ouviam-se aclamações:

— Viva o poeta «Sevilha»!

— Viva o Camões do Seculo XX!...

João Maria Ferreira sorria. Que remedio!

* * *

Em frente, um grupo dedicava-se á faina de trocar os chapéus de quem passava. E o serviço era tão rapido e tão bem feito, que muitos só depois de darem alguns passos é que davam pela mudança...

* * *

E pouco mais digno de nota teve o dia de terça-feira gorda. Vamos a vêr se para o ano...

A tragedia de Saint Denis

Uma das vitimas faleceu ontem, no hospital de S. Luis

PARIS, 4.—Faleceu o operario português João Vieira, natural do concelho de Vila Nova de Ourem, uma das vitimas da tragedia de Saint Denis, a que os jornais franceses se referiram largamente.

O operario Francisco Mendes já está livre de perigo e o seu companheiro Antonio Ferreira deve ser ámanhã operado no hospital de S. Luís. A policia procura o argelino Lakrar, autor da barbara agressão.—(Especial).

Gatunos "de mosco"

Os gatunos entraram, por meio de arrombamento, na Casa do Povo d'Alcantara, na rua do Livramento, onde furtaram fazendas, cujo valor ainda se ignora.

UMA ESTREIA

A peça "Aquele olhar..." de Aura Abranches trata dum caso da vida lisboeta.

O que em Aura Abranches encanta mais, é que, sendo uma grande artista, artista de raça que herdou directamente um dos mais fulgurantes talentos da scena portuguesa, é sempre, em todas as figuras que encarna, profundamente humana. Nas suas peças não podia fugir a esta caracteristica.

A'manhã sobe á scena pela primeira vez em Lisboa, o segundo trabalho da distinta actriz —«Aquele olhar...»— que no Porto foi esta epoca representado com grande exito.

* * *

Aura Abranches é naturalmente modesta. Não gosta de falar de si, dos seus trabalhos. Fala do Carnaval, da educação do povo, etc. E é preciso que lhe lembremos, de cinco em

AURA ABRANCHES

cinco minutos, que o que nós queremos é que nos fale da sua peça em especial e de teatro em geral...

— O assunto de «Aquele olhar...»

— Trata um caso real. Uma pessoa a quem acusam de mau olhado e que, por isso, encontra o caminho da sua vida cheio de obstaculos — dos obstaculos que uma crendice deshumana e impiedosa lhe cria...

— Defende uma tese?

Aura não tem pretensões.

— Entendo que o teatro tem uma missão educativa a cumprir. Nas minhas peças, esforço-me por cumpri-la. Mas a defesa das ideias boas, em teatro, deve resultar da acção empolgando o publico. Defender uma tese em teatro, como quem faz um discurso, é um suicidio. O publico não gosta — e não sente a menor influencia...

— Esta sua peça...

— E' uma comedia dramatica que, de certo modo, constitue uma resposta indirecta aos que me acusaram de, na *Madalena arrependida* ter apenas cuidado do meu papel, desprezando os outros. Nesta peça, o meu papel é insignificante. O de minha mãe sim. E' a unica figura dramatica que segue sempre a par do enredo comico da peça — uma figura complexa e estranha. Eu na peça sou apenas sua filha...

A fechar, uma noticia, em primeira mão: Aura Abranches está acabando uma farça que o publico de Lisboa conhecerá na proxima época, depois do seu regresso do Brasil.

A POLITICA E OS NEGOCIOS

Carta DE Bernardino Machado A Afonso Costa

Publicamos, a seguir, mais uma carta que o sr. dr. Bernardino Machado dirigiu ao sr. dr. Afonso Costa, sobre a politica e os negocios, e que fará parte do volume de memorias daquele ilustre estadista sobre a sua presidencia:

Meu prezado amigo:

Tenho-lhe falado da necessidade de refrear a campanha difamatoria dos monarquicos. A Republica vive sobretudo pelas suas forças morais. Não se pode consentir, sem pronto desmentido, que se caluniem os ministros e as familias. Nem é licito a nenhum destes cumprimentar obsequiosamente em publico os seus proprios detractores.

Torna-se, por isso, necessario ter uma boa imprensa, que zele escrupulosamente a dignidade republicana. Mas não se pode conseguir, se efectivamente os actos d'alguns dos nossos influentes politicos se prestarem á suspeição. Não convém que deputados e senadores dêem consultas em causas que prendam com interesses publicos.

E não é admissivel que figuras d'importancia politica apareçam de parceria, em requerimentos de emprezas dependentes do Estado, para as quais ninguem vê que tenham sido indicadas senão por essa mesma importancia.

Não se deixem desenvolver tais fermentos morbidos. Conto, meu caro presidente do Ministerio, com todo o seu eficaz concurso.

Que a guerra tenha servido para medrar desmesuradamente capitalistas monarquicos, é mau, sob todos os pontos de vista. Mas que republicanos, em meio da tentação dos fornecimentos, da administração dos bens dos inimigos e dos grandes lucros industriais, se deixem adoecer da mesma febre gananciosa, é pessimo. A Regeneração, fazendo a obra do fomento, que lhe deu enorme força, não teve mão em muitas corrupções e comprometeu-se, comprometendo o proprio liberalismo. Os adversarios não tinham outra arma senão o seu puritanismo, e venceram e governaram, até que, por sua vez, se contagiaram tambem no poder e desacreditaram de todo o regimen.

Chamo a sua atenção para certos homens do Porto. Essa cidade tem no anverso o emblema honroso do trabalho. Não se tolere que eles tentem aleivosamente pôr-lhe no reverso o da veniaga. Já foi demais o que conspiraram contra o seu bom nome tradicional, nos tempos da Monarquia varios mandões locais.

Cordialmente,

Todo seu

9-1917 *Bernardino Machado.*

"Foot-ball"

O «Athletic» de Madrid bateu ontem o «Bemfica»

Ontem, em Palhavã, realizou-se o segundo desafio de «foot-ball» entre o «Bemfica» e o «Athletic» de Madrid.

Os espanhois conseguiram uma nova vitoria: dois a zero — um dois a zero de que não podem sobremaneira orgulhar se os visitantes.

A hora e meia de jogo, nada teve digno de especial destaque. Até, constituiria tarefa igual á de Diogenes, a de procurar entre tantas fases: alguma de «association».

O «Bemfica» fez — como de resto já sucedera no domingo — uma exibição muito inferior ás suas possibilidades. As razões do facto não serão dificeis de encontrar...

O «Athletic» jogou mal, salvando-se: o «guarda-rêde», os «defesas» e o «avançado centro». O «medio-centro» distribuiu conscienciosamente mas interceptou mal.

A arbitragem de Jose: muito infeliz.

COLARES-BURJACAS
- O MELHOR VINHO DE MESA -

A Cidade

Deseja almoçar, jantar ou cear bem? Vá á
A Peninha
BONS GABINETES
67, R. PASCOAL DE MELO, 69
(Á ESTEFANIA)

UM INVENTO PORTUGUEZ

Orgão DE navalhas de barba E vidro fiado

Ha dias nos referimos ao caso de Manuel de Oliveira, operario português desprovido de qualquer cultura mas que, graças á sua extraordinaria tendencia inventiva, conseguiu construir dois orgãos, excelentemente afinados e que ao professor Tomás Borba, do Conservatorio, mereceram os mais amplos elogios.

Fomos hoje, quarta feira de cinzas, em que a ausencia de assuntos obrigados, dá ao jornalista a folga necessaria ao trato destas e outras coisas curiosas que a cidade guarda, á sua casa, uns tantos modestissimos compartimentos da rua do Vale a Jesus. Já velho, seco de carnes, vigoroso ainda, Manuel de Oliveira é um exemplo tipico do operario trabalhador, socegado que, ao abrigo de quaisquer ideologias complicadas, procura vencer na vida e afirmar qualidades.

* * *

Sob as suas mãos calosas, do orgão se desprendem melodiosissimas notas. E a «Ave-Maria» de Gounaud elevase, solene e doce, na casita humilde que, por momentos, nos dá a impressão de capela rica em dia de festejo do orago.

E feita a experiencia, ele nos diz, apontando o fecado:

—Fabriqueiro com uma navalha de barba, um serrote e ponca coisa mais. O sr. Borba ficou espantado.

— E' os primeiros que faz?

— Não, senhor. Quando tinha dezoito anos, fiz um orgão para a igreja da minha terra, Moura. Tive sempre muito geito para estas coisas. Mas havia que ganhar a vida e fui para funileiro..

Narramos, de seguida, anos e anos de um passado em que, par e passo com o trabalho diario para manter a familia, Manuel de Oliveira dava expansão á sua vocação. São mil pequeninas coisas que denotam uma força de vontade invulgar. No seu oficio, inventou um sistema de gazometro que nos jornais mereceu amplas referencias mas que não foi aplicado por falta de financiamento. E conseguiu, ainda, fiar vidro, tornando-o em fios mais delgados que cabelos e susceptiveis de tecelagem.

Mostrou-nos um punhado de vidro assim trabalhado. Qualquer diria tratar-se de seda, tão brilhante e flexivel é. Ainda, recentemente, quando do «raid», Manuel de Oliveira ofereceu a Gago Coutinho e Sacadura Cabral um trabalho interessantissimo que estave em exposição na succursal do «Seculo».

E ha anos, Manuel de Oliveira foi propositadamente, oferecer ao rei de Espanha e a Loubet, presidente da Republica Francesa, trabalhos tambem em vidro fiado, que despertaram o maior interesse.

* * *

Ha só uma conclusão a extrair a este caso, aparentemente pouco importante: — as faculdades da raça que, a cada momento, se manifestam em homens humildes, mas que jazem, desprezadas e desaproveitadas, porque nos falta sempre, a iniciativa para grandes cometimentos. Na Alemanha, por exemplo, Manuel de Oliveira teria sido aproveitado nas suas aptidões desde verdes anos. Aqui, encerrado no tugurio onde a curiosidade de um jornalista o foi descobrir, será, quando muito, um excentrico engraçado.

Palace Hotel do Bussaco
TODO O CONFORTO MODERNO
Chauffage central
Centro para turismo pelas melhores
— estradas do país —
Informações e reserva de quartos, em Lisboa:
ROCIO, 108 2.º
e no
HOTEL METROPOLE
FRANCPORT HOTEL
HOTEL DE L'EUROPE

UM ESPOLIO

O caso do manuscripto de Teofilo Braga sobre Camões e Maria Arade

Da sr.ª D. Maria Arade recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. Director: — Continuando as minhas considerações: No dia 6 de Fevereiro, paz a claro o que tinha em meu poder sobre Camões, como tinha, os motivos para que tinha: os srs. Paxeco e Coelho calaram-se, deixam correr a noticia da imprensa de que tinham sido entregues todos os manuscritos menos o de Camões, quando o dever desses senhores seria fazerem o que eu fiz e não ficarem calados, com os manuscritos em seu poder, deixando o publico na convicção de que já tinham sido entregues.

Estou a ver o leitor sorrir um pouco ironicamente...

Provasse judicialmente que até ao dia 19 de Fevereiro (dia em que eu fui declarar ao poder judicial o que estava em minha casa e imediatamente entregaria com as praxes legais) o sr. Coelho, que estava em contacto com a comissão e a autoridade, e o sr. Paxeco apesar de ser o encarregado da classificação dos manuscritos, não tinham até essa data feito declarações oficiais ao poder judicial ou á publicidade sobre o facto de terem esses manuscritos.

Foi portanto pelas minhas declarações que se soube haver manuscritos em poder desses senhores, que só depois disso vieram dizer na imprensa o que tinham levado após a morte do Mestre.

A que plano obedeceria a pressa que esses senhores tinham de me fazerem entregar o material de «Camões» sem ser directamente á justiça, arrolado e selado em minha casa, como eu queria, e a pouca pressa de entregarem o que tinham levado?...

O publico poderá julgar que seria para eu não reconhecer os meus direitos de continuidade, e o facto de não falarem no nosso nome como colaboradores (ou secretarios) póde arreigar ainda mais essa suspeita. Mas deste facto não são apenas responsaveis os srs. Coelho e Paxeco...

No dia 19 p. p. disse-me o sr. dr. Magalhães Lima que tinha em sua casa o material do romano «Uriel da Costa»; o sr. Coelho confirma e acrescenta que o sr. dr. Magalhães Lima me dissera que o «Uriel» lhe tinha sido entregue, para me forçar «pelo exemplo» a entregar o material de «Camões». Aí está um exemplo que eu não seguiria. nem o sr. dr. Magalhães Lima me disse qual o fim para que os manuscritos lá estavam. Não permite a lei que o «fici depositario» tivesse em seu poder manuscritos sem ter sobre eles direito, que a outros assistisse.

O facto de não estar esse material em casa do sr. P. Coelho podia originar a calunia de que o interessado preparára as coisas para no caso duma busca domiciliaria se não encontrar esse material por se achar noutra casa, que demais era insuspeita, e poder o sr P. Coelho continuar a obra muito placidamente, sem ser do conhecimento da justiça, do publico nem dos herdeiros.

Seria infame tal suposição, mas infelizmente os factos prestavam-se a isso.

Agradece a publicação destas notas a *Maria Arade*.

Comendador Alexandre Herculano Rodrigues

A bordo do «Arlanza» chegou ontem, tendo-se hospedado com sua familia no «Hotel de l'Europe», o sr. comendador Alexandre Herculano Rodrigues, um dos mais ilustres e proeminentes veltos da colonia portuguesa no Rio de Janeiro, presidente da Camara Portuguesa de Comercio, membro do Juri Supremo da Exposição Internacional e director-presidente de uma das mais importantes companhias de fiação do Rio de Janeiro.

Ao ilustre português apresenta o *Diario de Lisboa* saudações de boas-vindas.

CINZAS . . .

O RESCALDO do Carnaval NO Governo Civil

O Carnaval para aqueles que, passageiramente, encarnam os personagens das suas ambições, rei ou principe, hotentote ou deus pagão, chéché ou Mefistofeles, tem sempre um final triste.

Quando se adormece como Sileno, bebado e sujo, a contar a fortuna pelas estrelas do ceu, sobre algum banco da Avenida, madrugada alta, acorda-se quasi sempre no governo civil—o esgoto de todas as glorias, de todos os sonhos e de todas as fantasias, que duraram três dias e três noites.

O governo civil estava hoje cheio. Gente miuda, principalmente. Rapazio das ruas, que desconhece as leis, porque não sabe ler, e o jaizo, porque é coisa que a idade não comporta. Casos tristes não os vimos. Nem mesmo um *loup* romantico e misterioso, sobre o qual seria facil tecer uma pontinha de novela. Em outros tempos, por este tempo, havia sempre uma tragedia em cada baile. Três personagens: *ele* e duas *elas*. A primeira era a que atraiçoava, a segunda era a atraiçoada. Gritos; uma punhalada, sangue... e tinhamos um crime de amor.

Hoje, já não. O Carnaval é tão socegado, tão bem educado, que a policia limitou-se a transportar para o governo civil apenas os bebados, aqueles que transgrediram o codigo, no capitulo *moral e decencia dos costumes*.

Fomos ha pedaço, ás grades. Dois *pierrots*, de trinta anos, com cara de poucos amigos, ainda por lavar, galhofavam á larga. Tintas lividas de palhaço e alvaiada, no rosto. Esperavam a hora da liberdade, emquanto a familia lhes passa através das grades a roupa, que os fará regressar á sua apagada condição de todos os dias.

Os calabouços regorgitavam de gente... Havia gritos, dichotes, conversas ruidosas, que não valeu a pena intercetar, por banais.

Restos de vinho, no lagedo humido. Serpentinas mortas, nas tarimbas — as velhas cinzas do Carnaval, que hão de renascer daqui a um ano, e morrer, como morreram, apagadas e tristes.

Diz a nota do governo civil:

«...No entanto foram presos varios individuos por transgressão ao edital do sr. governador civil, que depois de pagarem a multa de 20 escudos foram postos em liberdade.

A esquadra do governo civil recebeu 1.300 escudos durante os três dias de Carnaval provenientes de multas aplicadas».

Varios furtos

Foram presos: Seslo Armando Ribeiro, residente na rua Bairro Lima, 916, no Porto, acusado de ha tempos ter furtado a quantia de 1.300 escudos ao sr. Abilio de Russel; Maximiliano Vidal Vilas, por subtrair varios objectos no valor de 1.000 escudos a Albino Domingos, travessa das Parreiras, 25; Maria Felisbela Gomes, travessa do Forno, 14, 4.º, por ter furtado roupas no valor de 1.500 escudos a Maria Rosa da Piedade, rua do Carmo, 43, 3.º, e Candido Migueis, subdito hespanhol, por conduzir uma mala com roupas, no valor de 1.000 escudos, de que não declarou a proveniencia, suspeitando a policia de que fosse roubada.

Uma carta

Do sr. Charles Mallet, operador francês, recebemos uma carta, onde se queixa de que a Empresa *Phenix Film*, depois de mais de dois mezes de trabalho, se recusou a pagar-lhe dois contos, dispensando os seus serviço.

O vapor «Lima»

O vapor «Lima», da Empreza Insulana de Navegação, é esperado ámanhã, á tarde, de regresso da Madeira e Açores; devendo voltar para ali cerca do dia 20.

Pelos teatros

«Genio Alegre»

Pela companhia Aura Abranches representa-se hoje, no Trindade, em «reprise», a comedia em 3 actos «Genio Alegre», dos Irmãos Quintero, tradução de João Soler, cuja distribuição é a seguinte:

«Consuelo», Aura Abranches; «Marquesa», Lyda de Almeida; «Coralito», Fernanda de Sousa; «Salud», Albertina Pereira; «Frasquita», Albertina; «Juan», Sacramento; «D. Eligio», Alves da Silva; «Lucio», Adelina Abranches; «Ambrosio», Oscar Soares; «Antoninho», Antonio Melo; «Pandeireta», José Soares; «Diogo», J. Sampaio.

Fecha o espectaculo, «em fim de festa», a notavel e formosa «concionista» espanhola Consuelo Hidalgo, que está fazendo grande sucesso com o seu repertorio frivolo e alegre e conquistando, dia a dia, os entusiasticos aplausos do publico e que na sexta feira exibirá um programa inteiramente novo.

O Carnaval dos actores

As dificuldades financeiras dos tempos que vão correndo, enterraram de vez a velha tradição do «Carnaval dos actores» que, no dia de hoje se comemorava, com um passeio ás «hortas» dos arredores e uma «jantarada» com peixe frito e salada. E' que o dia de hoje podia perder-se sem grandes estorvos para os empregarios, e agora não, visto que cada dia que passa representa encargos enormes que é preciso liquidar. Assim é que ha hoje espectaculo no S. Luiz, Trindade, Politeama, Avenida, Apolo e Eden, não havendo apenas no Nacional.

David de Souza

Para os muitos amigos e admiradores de David de Sousa, não podia ser indiferente a noticia de que no domingo proximo se realisa um concerto pela Orquestra Sinfonica de Lisboa, da regencia do maestro Fernandes Fão, em beneficio de sua mãe, a sr.ª D. Leonor de Souza. Honrando a memoria do primeiro regente que a Orquestra do Politeama conheceu para a obtenção de inolvidaveis triunfos, ao mesmo tempo prestarão um auxilio merecidissimo á illustre senhora que o filho tanto presava e que actualmente, visto que David de Souza não deixou fortuna, vive em circumstancias por demais precarias.

Laura Costa

Realiza-se no proximo sabado, no Eden-Teatro, a festa artistica da gentil actriz Laura Costa, com a «reprise» da revista «Tic-Tac», de Pereira Coelho, Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães, completamente renovada, com diversos numeros novos, três dos quais serão interpretados pela festejada, que se intitula: «A cega», «A fadista» e «A choró chica».

Atrás do reposteiro

A Companhia Cremilda-Chaby terminou os seus espectaculos, no Aguia de Ouro do Porto, no dia 1o do corrente, fazendo depois uma pequena «tournée» até se estrear em Lisboa ainda este mês.

—No Trindade começa ámanhã a assinatura livre para as sete recitas que áquele teatro vem dar a Companhia Dramatica Francesa Rebillane-Alexandre, sociedade da Comedie Française.

—A Companhia Lucilia Simões representará no Sá da Bandeira, do Porto, até ao dia 27 do corrente, as peças «Foguichas de S. João», «Salomé» e «Après moiser».

—Parte ámanhã, no «sud-express», para o Porto, o empresario José Loureiro, com demora de poucos dias.

—No teatro Nacional repete-se ámanhã, novamente, a comedia «Carta anonima».

—Deve chegar a Lisboa no dia 9 ou 10 do corrente, vinda de Ponta Delgada, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que na sua «tournée» ás ilhas obteve um grande triunfo.

—No Politeama, Avenida, Apolo e S. Luiz representam-se hoje, respectivamente, as peças «Greve Geral», «O Peço do Bispo», «Fruto proibido» e «Os 28 dias de Clarinha».

—No proximo sabado, 8, realiza-se no Coliseu dos Recreios a estreia de uma nova companhia de circo que traz no seu elenco, que ámanhã publicaremos, as maiores novidades e atracções que teem vindo a Portugal.

HOJE POLITEAMA
GREVE GERAL

Dr.ª Laurinda Alambre
MEDICA
Doenças uterinas — Partos — Electroterapia
Consultorio:
Rua Garrett (Chiado), 36, 1.º E.
Consultas ás 15 horas — Telef. C. 3680
Morada: Av. Conde Valbom, M. F., 1.º

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
AMANHA — QUINTA FEIRA
a espirituosissima comedia
Carta anonima
Situações absolutamente imprevistas

TEATRO AVENIDA
Telefone N.º 4356-N
Companhia Satanela-Amarante
de que faz parte Nascimento Fernandes
HOJE
O POÇO DO BISPO
Grandioso sucesso

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE E AMANHA
A aplaudidissima opereta em três actos
OS 28 DIAS DE CLARINHA
Protagonista
Auzenda de Oliveira

COLISEU DOS RECREIOS
SABADO — 8 — SABADO
ESTREIA
DA
Nova Companhia de Circo
A mais completa e de maiores novidades e atracções que tem vindo a Portugal.

Eden-TEATRO
Sabado 8 — Recita de LAURA COSTA
A celebre revista
TIC-TAC
amplamente remodelada e actualisada.
SURPRESAS SO PARA ESTA NOITE
NUMEROS pela festejada que não fez passagem, estando os bilhetes já á venda
NOVOS

APOLO Telef. N. 4129
HOJE — A's 9 1|2 da noite
A peça triunfante, a unica que se representa todas as noites infalivelmente
40.ª DA INCOMPARAVEL REVISTA
FRUTO PROÍBIDO
Enorme exito da companhia
Otelo de Carvalho

TEATRO da TRINDADE
HOJE, a peça em 3 actos
Gente alegre
e a famosa artista
CONSUELO HIDALGO
A'manhã, 5.ª recita de assinatura, em homenagem á ilustre actriz AURA ABRANCHES com a 1.ª representação da sua peça
AQUELE OLHAR...

=POLITEAMA=
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, A'S 21
A verdadeira fabrica de gargalhadas
Greve geral

Se apreciaes a saude da vossa bocca, se quereis branquear os dentes e conserval-os sãos, usae os
Dentifricios
"Pompadour,,
(Agua, pó e pasta)
Os dentifricios «Pompadour», são productos hygienicos de imprescindivel necessidade, de pureza absoluta como o attesta a sua côr branca e de efficacia e effeitos antisepticos comprovados.
Thomaz Mendonça, Filhos, Limitada
43, Calçada do Combro, 47
LISBOA — Telef. C. 105

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL ESC. 20.000.000$00
RUA AUREA, N.os 175 a 191 — LISBOA
Assembleia Geral Ordinaria

E' convocada para quinta feira, 6 do proximo mês de Março, ás 14 horas, no edificio do Banco, a Assembleia Geral Ordinaria, para deliberar sobre o Relatorio e Contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal, relativo ao exercicio findo em 31 de Dezembro de 1923.
Lisboa, 16 de Fevereiro de 1924.
O Presidente da Assembleia Geral
(a) Domingos Pinto Coelho

TINTURARIA PORTUGALIA
Tinge, limpa, plissa todo o vestuario
Extrae o pó, limpa e tinge: TAPETES e CARPETES
por maiores que sejam assim como
ESTOFOS e CORTINADOS
R. do Ouro, 234, 242, 1.º — BARROS & SANTOS
Rua Prior do Crato, 56 — Alcantara
Avenida de Chelas — Chelas — Xabregas

RICAS MOBILIAS
Deslumbrante Exposição
Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira — Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada
ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

BANCO COLONIAL PORTUGUEZ
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL ESC. 20.000.000$00
RUA AUREA, N.os 175 a 191 — LISBOA
Assembleia Geral Extraordinaria

E' convocada para quinta feira, 6 do proximo mês de Março, ás 15 horas, no edificio do Banco, a Assembleia Geral Extraordinaria para deliberar sobre alteração dos Estatutos e qualquer assunto que com este se prenda directa ou indirectamente.
Lisboa, 16 de Fevereiro de 1924
O Presidente da Assembleia Geral
(a) Domingos Pinto Coelho

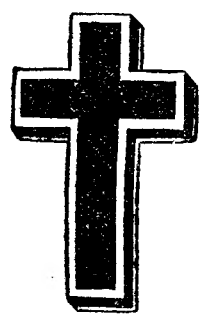
TOSSE
CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE
DR. ANDREU DO BARCELONA
a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.
A venda as Pharmacias e Drogarias
Experimentem este producto, que, além de ser mais economico, é tambem mais eficaz do que outros similares
DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS
GIMENEZ-SALINAS & C.ª
9, Rua Nova da Trindade, 1.º — LISBOA

Maquinistas de locomotivas
Contratam-se para os Caminhos de Ferro do Estado na provincia de Angola, aceitando-se propostas na Agencia Geral de Angola, rua da Prata, n.º 34, 3.º

Operarios
Caldeireiros de cobre, caldeireiros de ferro, serralheiros de locomotivas, ferreiros, fundidores, torneiros mecanicos e carpinteiros de carruagens, contratam-se para os Caminhos de Ferro do Estado na Provincia de Angola. Condições e esclarecimentos na Agencia Geral de Angola, rua da Prata, n.º 34, 3.º
Os salarios foram melhorados.

D. AMELIA TOVAR DE LEMOS E CASTRO
FALECEU

O conselheiro Augusto Carlos Fialho e Castro, Maria Lavinia Tovar de Lemos e Castro e Luis de Castro e Albuquesque de Bettencourt, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento de sua querida Esposa, Mãe e Avó, e que o funeral terá logar ámanhã, 5.ª feira, pelas 15 horas, saindo da rua de S. Mamede, ao Caldas, 71, para jazigo de familia no cemiterio do Alto de S. João.



Antonio Joaquim da Mota Marques e seus filhos cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas da sua amisade o falecimento da sua muito querida mulher e mãe, no dia 4 do corrente, não tendo feito convites especiais para o seu funeral devido ao estado de consternação em que ficaram.

TUDO PARA A IMPRENSA
FABRICANTES E IMPORTADORES
João Baptista de Barros & C.ª, L.da
PORTO -:- LISBOA
Lisboa: R. Poço dos Negros, 83 C. 5298

ESTRANGEIRO

Salão de Antiguidades, L.da
Moveis e adornos mobiliarios
Rua de D. Pedro V. 37
Largo Trindade Coelho, 6-1.º
Telefone N. 4245

PRIMEIRA FORMA . . .

Renasce a ofensiva em Marrocos sendo bombardeado um cruzador

MADRID, 5

Durante a noite e a madrugada de ontem foram recebidas noticias de Marrocos que indicam existir uma maior gravidade na pressão inimiga sobre Tizzi-Azze e Midari, encaminhada no sentido de interceptar as comunicações.

As tropas espanholas conseguiram afastar o inimigo, mas sofreram grandes perdas.

Alem disto, uma granada inimiga explodiu na coberta do cruzador «Cataluña», causando alguns estragos materiais e varias baixas.

Entre as baixas figuram: mortos pela explosão desta ultima granada, o capitão de fragata Jaime Yaenez e o guarda-marinha Antonio Alvar Gonzalez, em estado gravissimo o tenente José Rodriguez, com ferimentos leves; e varios marinheiros mortos e feridos.

No sector de Eber tambem o fogo tem sido intenso.

Por noticias recebidas em Tetuan, do campo inimigo, sabe-se que os legionarios desertores, e aprisionados pelos mouros, são muito maltrados.

O Directorio
não ocultará as noticias

O general Primo de Rivera esteve no seu gabinete da presidencia até hora avançada da madrugada, conferenciando com o alto comissario de Marrocos. O Directorio reuniu-se em conselho no ministerio da Guerra á 1 hora da tarde, não tendo os seus vogais feito declarações algumas á saida da reunião.

A nota oficiosa publicada sobre os ultimos combates diz que o Directorio, sabendo que dirige um povo digno e viril, nada lhe oculta e está disposto a castigar duramente todas as pessoas que se ocuparem em propalar boatos alarmantes.—(L.)

Mais tropas
vão marchar para Marrocos

O Directorio decidiu enviar imediatamente uma brigada para Marrocos, e está preparando outros reforços.

Corre o boato de se ter revoltado a guarnição de Malaga, que recebera ordem de partir para Marrocos.—(L.)

Weyler
substituirá Aguilera

O general Weyler foi nomeado presidente do Conselho Supremo de Guerra e Marinha, em substituição do general Aguilera, exonerado, a seu pedido, por motivo de doença.

Para o lugar de comandante da primeira divisão de cavalaria foi nomeado o general José Cavalcanti.—(L.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

No Salão dos Independentes estão expostas mais de trezentas telas

PARIS, 2.—(*Cronica para o «Diario de Lisboa»*.—Fazer a critica do «Salão dos Independentes» é tarefa, não só dificil, mas quasi impossivel. São três mil telas, espalhadas em dezenas de salas, sem obedecerem ao menor conceito artistico.

Os artistas franceses seguem-se por ordem alfabetica; os estrangeiros agrupados, segundo a nacionalidade. Mas, infelizmente, nenhum caracter especial os distingue e indica o pais a que pertencem. Em geral, todos os concorrentes vivem em Paris.

Nota-se em todo o «Salon» um certo desnorteamento que corresponde precisamente á epoca que atravessamos.

Nos meios artisticos os deuses variam, não só de ano para ano, mas até de mês para mês.

Tão depressa a suprema manifestação da arte está na sciencia do desenho de Ingres, como na sobriedade de linhas dum Picasso ou dum Cezanne. Corot, durante muito tempo discutido, volta a ser admirado, não tanto pelas suas paisagens, como pelos seus admiraveis retratos de mulher.

As opiniões variam, dividem-se, e o artista, perdido nesta confusão de opiniões, hesita, procurando um rumo, ora á direita, ora á esquerda. Muitos perdem-se e vão formar a grande legião de «ratés» que enxameiam os meios artisticos de Paris. Outros—mais felizes—encontrarão mais tarde, ou mais cedo, o seu verdadeiro caminho.

Os cubistas puros têm ainda os seus adeptos, mas os tais enigmas que ha uns três anos inundavam as exposições, vão rareando. Não esqueçamos, no entanto, que a teoria cubista trouxe alguns beneficios á arte moderna.

Quadros genero «pompier» (nome dado aos artistas que seguem as tradições classicas) não apareceram no «Sa[illegible]».

Mas o que se nota, sobretudo, é a falta de luz. Por vezes a côr é bela, mas a luz não envolve as formas exprimidas; dir-se-hia que se pretende repudiar esta admiravel conquista dos pintores e que foi a grande gloria dos impresionistas. Um unico pintor português concorreu a esta festa: Smidth. As suas telas são interessantes. Agradam.

A escultura pouco vale. Apenas um espanhol, Mateos Hernandez afirma a sua poderosa personalidade.

O Salão dos Independentes é inutil—dizem alguns criticos.

Mas devemos lembrar que muitas obras primas de artistas hoje consagrados foram excluidas dos salões oficiais. Isso basta para concordarmos com a existencia do unico «Salon» que não recusa o menor trabalho, venha ele donde vier.

No meio de tanta indecisão nota-se um esforço comum e é desse esforço que sairá o artista de talento que saberá caracterizar a nossa epoca.

* * *

M. Constantin Photiadis, espirito subtil e elegante de verdadeiro critico, acaba de publicar um admiravel estudo biografico de Maria Kalergis, «la femme cygne», a quem Théophile Gauthier consagrou uma das suas melhores poesias: «Symphonie em blanc majeur».

De origem russa, sobrinha do celebre chanceller do imperio russo Nusselrode, «ce sphinx blanc que l'hiver sculpta», desempenhou um papel diplomatico muito importante. A sua missão de «informatrice» ao serviço do Csar Nicolau só terminou depois de concluida a guerra da Crimeia.

Pelos salões de Madame Kalergis passaram todas as notabilidades.

Pianista eximia, discipula querida de Chopin, ela teve tambem a admiração de Wagner.

Liszt dedicou-lhe a melhor das suas elegias. Henri Heine celebrou-a num poema um tanto ironico, «L'éléphant blanc».

Mas foi sobretudo a poesia de Gauthier que a tornou celebre e que lhe mereceu o recente estudo de M. Photiadis.

O amor não teve grande importancia na sua vida, diz-nos o critico. Falou-se na assiduidade de Musset junto dela, mas parece nada mais ter havido do que simples relações de amisade.

De reste, Gauthier mostra-nos uma mulher incapaz de grandes paixões:

«Oh! qui pourra fondre ce cœur!
Oh! qui pourra mettre un ton rose
Dans cette implacable blancheur!»

Irene de Vasconcelos

OUTRA GUERRA . . .

O censo do exercito da Alemanha vai ser elaborado pela França?

PARIS, 5

O «comité» militar aliado, sob a presidencia do marechal Foch, tem continuado os seus trabalhos para exercer uma fiscalisação rigorosa sobre o estado das forças militares na Alemanha.

As medidas que estão sendo estudadas vão ser submetidas á Conferencia dos Embaixadores, que, por seu turno, solicitará á Alemanha que dê as necessarias facilidades. A Alemanha decerto se esforçará por impedir que se proceda, como se pensa fazer, ao censo do seu exercito, visto que ela tem muito que esconder.

Os meios militares francezes têm informações de que morreram sete operarios nos laboratorios militares, devido a experiencias a que se estava procedendo com novos gazes toxicos para serem usados em guerra, demonstrando-se assim que a atividade militar guerreira alemã não cessa.

Varios jornaes alemães falam tambem com entusiasmo na «revanche», —R.

As relações
entre a Inglaterra e a Russia

LONDRES, 5

Rakowsky, encarregado de negocios dos «soviets», que se encontra presentemente em Moscou, declarou que a Russia se está empenhando na reunião duma conferencia anglo-russa para negociar um emprestimo de 150 milhões de libras esterlinas, dos quais 67 por cento seriam entregues em mercadorias e 33 em dinheiro.

Rakowsky declara que poderão ser obtidos os creditos financeiros necessarios exclusivamente á reconstrução economica, se grandes encomendas forem colocadas na Inglaterra nos proximos anos.

O comissario sovietico dos negocios estrangeiros, Tchitcherine, respondendo ao pedido do «agrement» para a nomeação de James O'grady, como embaixador britanico, diz que prefere um membro do serviço diplomatico a um diplomata amador, sem treino algum.—(L.)

Conferencia
entre Poincaré e Macdonald

LONDRES, 5

Diz-se que, em virtude da nova fase conciliadora em que se encontram as relações franco-britanicas, se realisará proximamente uma conferencia entre os srs. Poincaré e Macdonald.—(L.)

METAES PRATEADOS
SERVIÇOS PARA CHÁ E CAFÉ
FRUCTEIRAS JARRAS FLOREIRAS
BASTOS SILVA, L.da R. S. NICOLAU, 81

1.000.000$00
Já estão á venda na antiga casa D. E. Gouveia & Silva sucessor Manuel Alves da Silva Neves. Preço por bilhete 310$00.
Para a lotaria de 18 de Julho.
Lotaria de Santo Antonio.
Rua da Assunção, 84 e 86 (proximo á Rua do Ouro).

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9 1.º de 15 h. Telef. 5205

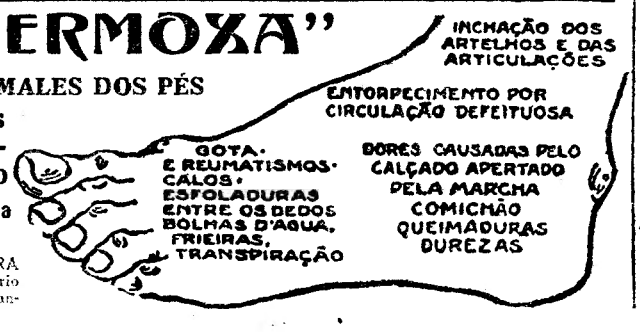
SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 115
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

VISITEM
o Deposito da Covilhã
VENDE
Fazendas de lã para: fatos, sobretudos, abafos e vestidos de senhora, directamente da fabrica ao publico por menos 30 a 40 por cento
ASTRAKANS
Lãs em fio branco e côr para malhas, por preços da fabrica
Tem alfaiates para exclusivamente servir a sua numerosa clientela com grande economia de preços
ROCIO, 93-2.º ANDAR
(esquina da Rua de Amparo) não tem lojas
Ascensor Telefone 4670-N.
FILIAL NO PORTO
Rua de Santa Catarina, 299

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior. . . Clinica geral e doenças das crianças—13 h.
Dr. Camossa Saldanha Rins e vias urinarias—10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervosas—15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos—13 h.
Dr. F. Martins Pereira Medicina geral, coração e pulmões—15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette Olhos—15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão. . Pele e sifilis—14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

SAES "DERMOXA"
CURA TODOS OS MALES DOS PÉS
soberanos contra as Queimaduras, Comichão e Transpiração
A venda em todas as farmacia e drogarias
CONCESSIONARIO UNICO PARA PORTUGAL E COLONIAS: Mario Brandão, Lda., Rua Eugenio dos Santos, 99—LISBOA



CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	134$50	135$-
Paris	1$26,8	1$28
Madrid	3$84	3$88
New-York	31$30	31$42,5

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
Holanda	11$66	11$71
Suiça	5$41,5	5$44
Brasil	3$81,5	3$83,5
Libra esterlina	152$00	160$00

UMA RENUNCIA

O DEPUTADO
Fausto de Figueiredo
abandona
a politica

A politica reservar-nos, para depois das ferias, um acontecimento que está destinado a causar sensação em todo o paiz.

O «Diario de Lisboa» não fez a mini ma referencia ao boato, que lhe chegou aos ouvidos com todas as reservas, aguardando a confirmação da noticia para poder transmitila aos seus leitores — sem perigo de desmentido.

Como sabemos que um jornal politico da manhã publicará brevemente o documento a que vamos fazer referencia, julgamos oportuno revelar o segredo que nos confiaram.

O sr. Fausto de Figueiredo, parlamentar independente, vai renunciar ao seu «fauteuil» de deputado. Ao mesmo tempo, pedirá a demissão do cargo de provedor da Assistencia, declarando que nunca mais desempenhará funções publicas.

O documento de renuncia que o sr. Fausto de Figueiredo vai mandar para a mesa da Camara dos Deputados deve causar enorme sensação nos meios politicos.

O ilustre parlamentar retira-se á vida privada, completamente desiludido; fazendo algumas declarações que hão de deixar muita gente surpreendida.

Antes de partir para Espanha, onde se encontra ainda, o sr. Fausto de Figueiredo, ao que nos consta, entregou o seu pedido de renuncia a um deputado nacionalista dissidente, director de uma gazeta politica da manhã, que, segundo as nossas informações, o fará publicar brevemente no seu jornal.

Quarta-feira de Cinzas

As solenidades religiosas

Na Sé Patriarcal, realizou-se hoje a cerimonia da imposição das Cinzas.

Pelas 10,30, chegou áquele templo o sr. Cardeal Patriarca, que era aguardado pelo cabido e irmandade do Santissimo.

Em seguida, paramentado, tomou logar no solio, onde assistiu á missa solene, sendo celebrante o rev. conego Proença.

Estavam presentes os conegos Martins do Rego, Aires Pacheco e Móra, sendo as cerimonias dirigidas pelos rev. Pedro Soares e Laceiras.

Ao Evangelho, subiu ao pulpito o rev. Governo, que pregou um eloquente sermão.

A concorrencia de fieis foi bastante numerosa.

Nas hortas

Após três dias de folguedo a que o povo de Lisboa se entregou, foi o dia de hoje consagrado, como é de tradição, a passeios pelas hortas e retiros dos arredores da cidade, que tiveram regular concorrencia, fazendo bom negocio as casas de comidas e bebidas.

O antigo retiro do «Papagaio», á estrada de Sacavem, foi bastante concorrido, bem como, no Arieiro, o antigo retiro das «Bazalisas».

No Campo Grande, tambem os retiros e casas de pasto fizeram bom negocio.

Grupos de individuos, com suas guitarradas e descantes, davam a nota alegre.

O chefe do governo

O sr. presidente do ministerio, que foi passar o Carnaval a Coimbra, regressou ontem a Lisboa e conservou-se o dia de hoje em casa, a trabalhar, dando tambem despacho.

A OBRA DO GOVERNO

A simplificação
dos programas
do ensino primario e secundario
está preocupando o espirito
do ministro da Instrução

O sr. Helder Ribeiro—num dia de cinzas como hoje, foi o unico ministro a quem o jornalista pôde pedir uma entrevista.

—V. Ex.ª tem alguma medida urgente e de realização imediata, entre mãos?

—Sim, tenho varias medidas que reputo de possivel realisação imediata.

—E são...

—Uma delas recae sôbre os programas do ensino primario e secundario.

—Pensa em os reformar?

—Reformar, não, simplificar. Como deve saber, os programas—principalmente o do ensino secundario—sobrecarregam, demasiadamente, o espirito dos alunos. Saiem do liceu com um aglomerado de coisas na cabeça, mas tudo em estado caótico, donde resulta uma pessima preparação para os cursos superiores.

—O criterio de v. ex.ª é, pois...

—Tendente a distribuir mais inteligente e harmonicamente as varias materias do programa, de forma a que os alunos, quando estudem a geografia da America, por exemplo, não estudem, ao mesmo tempo, a historia das civilisações antigas.

—Mas pode V. Ex.ª conseguir esse «desideratum» independentemente da aprovação do poder legislativo?

—Não se trata de reformar o ensino — trata-se, somente, duma sistematização de materias — dum melhor aproveitamento dos programas. Julgo ter, para isso poderes suficientes.

—Não pensa V. Ex.ª interceder a favor dos professores provisorios que não têm recebido os respectivos vencimentos?

—Sim — devo ocupar-me disso na proxima sessão legislativa.

—A que se deve atribuir esse estado de coisas?

—Não ás inspeções escolares. Mas aos organismos a quem compete pôr o visto nas folhas de pagamento, e que o não fizeram, na devida altura, talvez por acumulação de serviço.

—Ha cinco meses...

—Sim, ha cinco meses, mas ha a notar tambem que o numero de professores provisorios que estão nessa situação deve orçar por uns tres mil.

—Ha uma verba para a reparação das escolas primarias, não é verdade?

—Sim, uma verba que figura, ha muito, no orçamento, mas que só agora deverá ter aplicação. Devo entender-me, muito breve, sobre o caso, com a Caixa Geral de Depositos, contentando me, de entrada, com uma pequena parte da verba para a reparação imediata das escolas mais necessitadas, caso as disponibilidades desse organismo não permitam, no momento presente, a cedencia total da quantia.

—Concorda v. ex.ª com o projecto do dr. João Camoesas?

—Absolutamente. Animou-o um alto criterio de pedagogia. Mas, infelizmente, uma vez aprovado, os seus beneficios não se farão surtir imediatamente, pois a reforma por ele apresentada destina-se a uma realisação demorada, como não podia deixar de ser, visto o ensino ser reformado, nesse projecto, de *fonde en combic*.

—Concorda tambem com as comissões ou juntas consultivas, criadas pelo seu antecessor?

—Sem duvida. Em geral os ministros não são elementos teoricos. Ha, pois, toda a necessidade de ouvir e consultar esses organismos, de forma a fazer-se alguma coisa de pratico e de util nestas questões de instrução em que se não pode dispensar um criterio inteligente de pedagogia.

NOTA POLITICA

O sr. Cunha Leal partiu para a Beira Baixa, a fim de, repousadamente, refletir sôbre a inutilidade de ser forte... só com as suas proprias forças. E' um desiludido? Não cremos. O seu temperamento tem assomos e cadencias, vertigens e acalmias, como todos os homens cuja eloquencia se inflama de paixão.

Pensa ele realmente em se dedicar á agricultura, tornando ferteis as terras da sua familia, carecidas duma administração experiente e energica?

O sr. Cunha Leal não é da escola de Cincinatus. E' possivel que, como este, ele aprecie a ditadura—tão de recomendar nas epocas em que os cidadãos carecem de ser esporados para cumprirem os seus deveres.

Lá no seu intimo, a cidade tenta-o. Necessita manter-se em contacto com a multidão ou para lhe saborear os aplausos ou para lhe conter as impaciencias.

Superior á maioria dos seus adversarios, estes vencem-no pelo numero.

A sua popularidade é passageira.

Num dado momento, gosa o prestigio da sua palavra, a acção fulminante do seu talento.

Como politico desegual, incapaz de se conservar no nivel dos seus admiradores, logo assume uma atitude desconcertante, irritando até os seus fieis amigos.

Contra o que supõem quantos o atacam, a sua sinceridade é completa.

Se fôra um simples ambiciose, estaria hoje em condições não de ir para o Alcaide, onde o sr. João Franco dedica ás suas maguas um silencio de quinze anos, mas para as culminancias do mando—por onde tambem já andou o ditador de 1907.

Quando do seu recente ataque ao alto comissario de Angola, o sr. Cunha Leal acreditou que ia derrubar um homem e um sistema. O seu discurso passou como um tufão. O sr. Norton de Matos resistiu. O parlamento fingiu que era surdo. O sr. Cunha Leal convenceu-se a si proprio: fez-se o ditador dos seus actos.

GOVERNO CIVIL

JULGAMENTO
dos individuos presos
durante
o Carnaval

O Carnaval teve hoje o seu epilogo no tribunal de Pequenos Delitos, no governo civil. O juiz foi o sr. dr. Pinto de Magalhães. Neste tribunal não ha promotor, nem advogado, nem escrivão.

O primeiro arguido, Antonio Joaquim de Magalhães, perfilado diante do secretario do juiz, como um soldado em frente de um oficial.

—O senhor é acusado de desobeder á policia.

—Isso é falso, senhor juiz.

—Venha o guarda captor!

Aparece o guarda 1249, que se senta ao lado do juiz.

O juiz:

—Levante-se.

E logo a seguir:

—O preso declara que lhe não desobedeceu e que o senhor é que o agredio.

—Elle é que, se eu me não defendo, me agredia a soco.

O acusado:

—Senhor juiz: O guarda é que me agrediu na rua e na esquadra por duas vezes, além de ter maguado o braço de minha esposa, como se pode provar. Ela está lá fora.

O juiz:

—O' guarda! Chame a sr.ª D. Julieta Silva.

Esta senhora descreve como os factos se passaram, nervosamente, despindo o casaco para mostrar as nodoas negras do braço, onde se encontram, distintamente desenhados, os dedos do civico.

O juiz:

—Ouviu o que esta senhora está dizendo?

—Ela expõe o caso como quere. Eu, nem que fosse numa maca, tinha que o levar para a esquadra.

Entra uma testemunha: o guarda 1137. E conta:

—Eu estava de serviço e vi o reu desobedecer ao meu colega e ele capturá-lo.

O juiz:

—Como fez ele isso?

—O reu quiz atravessar o cordão, e vai daí o meu colega correu sobre ele.

Vem outra testemunha: o guarda 2.150. E diz:

—Saberá v. ex.ª que a gente estava de serviço.

O reu, acompanhado de sua senhora e de uma menina, tentou atravessar o cordão da placa da Avenida. O meu colega dirigiu-se á senhora e agarrou-lhe no braço. Nesta altura, o 1249, dirigindo-se ao reu, em voz baixa, diz-lhe:

—Você não era homem para mim!

O reu:

—Senhor juiz: dá-me licença?

O juiz:

—Não dou licença nenhuma! Toda a gente tem a mania de não obedecer ás ordens da policia...

O reu:

—Tambem é verdade... Mas v. ex.ª dá-me licença?

—Não posso! Não seja teimoso!

O juiz:

—O caso da agressão para aqui não tem importancia. O que eu quero saber é se o senhor desobedeceu ou não á policia.

—Eu apelo para V. Ex.ª...

—Eu não vou com essas lerias... Eu condenava-o se não se tivesse radicado no meu espirito a convicção de que o guarda exorbitou.

—Mas, senhor juiz...

—Irra! Já lhe disse que não pode falar!

O reu foi absolvido, passando a efectuar-se o julgamento dos outros individuos presos.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17
R. DOS FANQUEIROS, 114